OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 687

30 DE JANEIRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha ou não ha marcha *aux flambeaux* em honra de Mousinho de Albuquerque?

E o tempo, durante tantos dias tão lindo, começou de repente a fazer caretas...

Os dois jornaes da manhã, que mais se orgulham das boas fontes de suas informações, bateram-se denodadamente.

Exemplo: Dizia o *Seculo*, em 27 de janeiro, vespera do dia annunciado para a grande manifestação: «Apesar dos desmentidos quotidianos de uma folha da manhã, mais uma vez affirmamos que é ámanhã que se realisa a projectada marcha *aux flambeaux*, em honra do sr. major Mousinho de Albuquerque.»

E accrescentava informações. O cortejo seria dirigido pelo sr. coronel Dantas Baracho e composto de 360 homens de lanceiros e de cavallaria 4 e 100 homens da municipal.

No mesmo dia 27 lia-se no *Diario de Noticias*: «Por nossa parte continuamos a confirmar as nossas informações, que, ha bastantes dias, dizem que a tal marcha ámanhã se não fará, nem faria, mesmo que o tempo o permittisse.

E a mesma incerteza, que havia nas informações dos mais lidos jornaes, dominava em todos cá fóra.

Um sabia d'uma carta do sr. Baracho que dizia que sim; outro tinha ouvido uma conversa do sr. Barruncho que dizia que não.

Lá de fóra, da provincia e d'essas cercanias de Lisboa, provincianos e saloios escreviam: ha ou não ha?

E o céo a ennuvear-se, e o sol a jogar as escondidas e a augmentar a indecisão! Um cantinho de céo azul dizia *sim*; uma grossa nuvem pardacenta dizia *não*.

O trajecto enorme, dando logar nos passeios das ruas para a população inteira se distribuir e ver á vontade o cortejo, aliviou bastante os donos das casas que não se viram atarantados, perseguidos pelos pedidos de convite.

Vamos? Não vamos?... Passa? Não passa?

Os emprezarios theatraes a quererem mandar collocar os cartazes e com ordens e contra ordens para as imprensas e para o Thomaz de Mello, senhorio das esquinas.

Liam o *Diario de Noticias*: — Não ha. Ponham cartazes.

Leiam o *Seculo*: — Ha. Retirem os cartazes.

Annunciaram os jornaes para sexta feira a recita em homenagem a Eduardo Schwalback, o feliz auctor da *Sr.ª Ministra*, a mais alegre e bem feita comedia que, n'estes ultimos tempos, se tem representado em theatro portuguez.

Será na sexta? Será no sabbado?

Uma contradicção d'aquellas! Dois jornaes tão lidos, tão bem informados sempre! Era de fazer a cabeça em agua!

Que o Gymnasio se havia de encher... isso por força!... Mas tantos que haviam de ter o seu camarote na gaveta e talvez, áquella mesma hora, a casa cheia de visitas! Como ir applaudir o Eduardo Schwalbach?

E é que isso tambem era dever, que é elle dos principaes sacerdotes d'esse templo da Alegria, que tanto assusta magisters de figados escangalhados.

Se na mesma noite pudessem caber vivas e palmas ao muito alegre Schwalbach e ao muito heroico Mousinho...

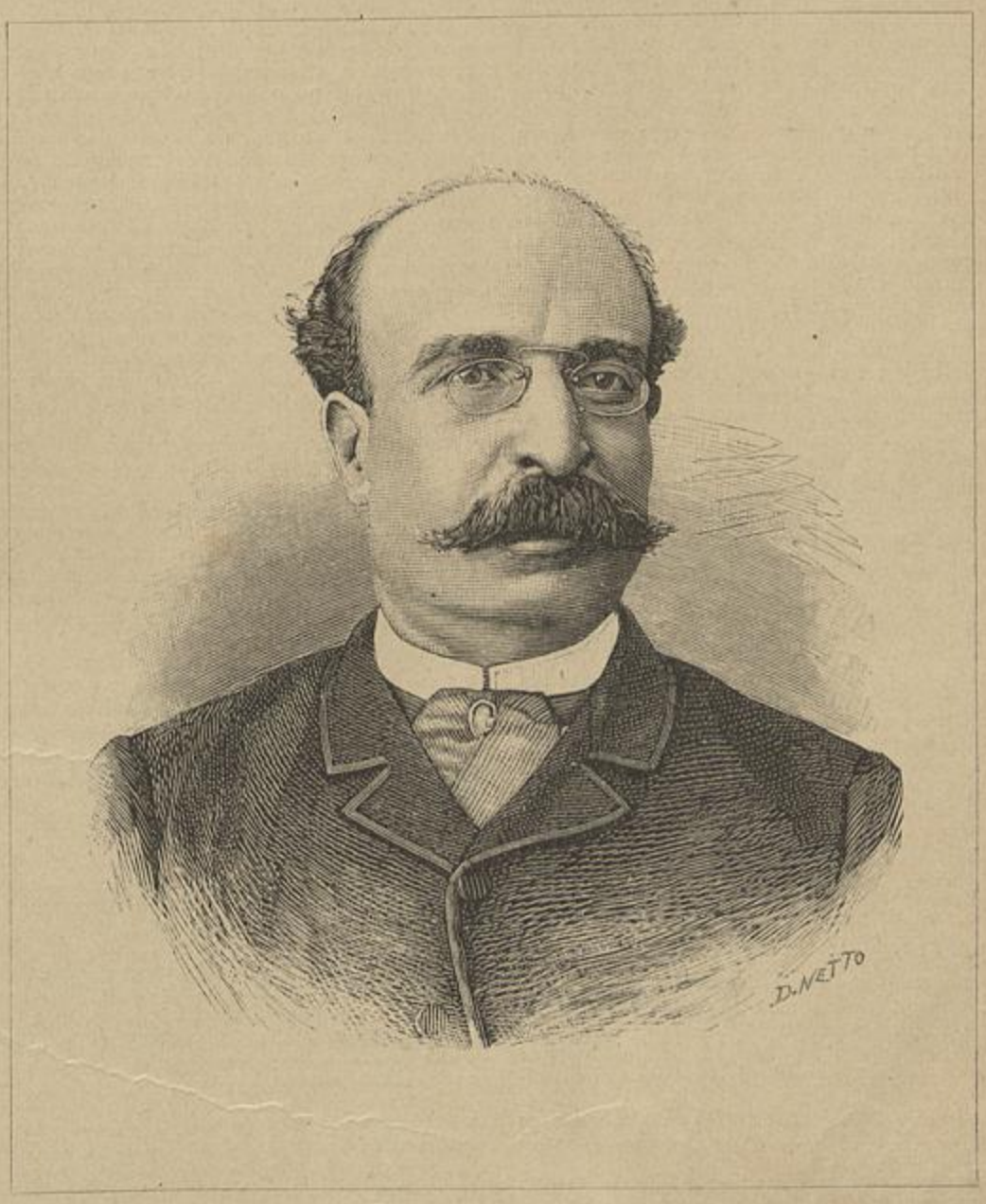
Foram extraordinarias as festas que a este fizeram no Porto e em Braga. O enthusiasmo não diminuiu por ora, nem poderá esmorecer, emquanto na memoria de todos fôr viva a lembrança dos grandes feitos e Portugal colher o fructo da dedicação e valor dos seus filhos mais amados. Mousinho vae muito breve deixar-nos. Que no adeus encontre o mesmo amor que viu em todos nós, quando lhe démos as boas vindas.

Alegres vão estes dias correndo entre nós. Assim não viessem ensombral-os as más novas do que vae passando em França, paiz a que nos ligam tão fundas e nutraes sympathias.

O caso do supposto traidor Dreyfus complica-se. Ha quem estremeça com a possibilidade de uma guerra ou, pelo menos, de tristissimas luctas civis.

A carta de Zola profusamente espalhada, mostra bem a gravidade do assumpto.

Por outro lado escreve o sr. Millevoye: «Os bandidos que tentam a rehabilitação de Dreyfus especulam cobarde e criminosamente com uma terrivel situação que bem conhecem e que lhes serve para



CONSELHEIRO JOÃO CESARIO DE LACERDA — GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE CABO-VERDE

exercerem contra os poderes publicos uma verdadeira *chantage*. Bem sabem, como nós sabemos, que o sr. Dreyfus é um canalha atroz que vendia os segredos da defeza nacional; não desconhecem os documentos que entregou. Poderiam indicar os agentes de duas potencias estrangeiras que foram os intermediarios d'esses negocios infames. Emfim, o que ainda é mais, foi-lhes dito em que casa e sob que bandeira foram furtadas, em nosso serviço de informações, as provas irrefutaveis da traição.»

Quanto a estas escreve ainda o sr. Millevoye: «Não poderiam ser dadas á luz sem provocarem entre a Republica e um grande Imperio militar explicações violentas que teriam como consequencia a guerra.»

E os espiritos perdem-se em frente de tanto lodo, os odios excitam-se, e o povo tenta commetter crimes que assumiriam, por certo contra os judeus, se não fôra a força armada, uma intensidade horrivel.

Temos tanta vez afugentado do pensamento miserias nossas, que hoje nos sabe bem afastar os olhos da miseria extranha para os descançar docemente nas alegrias da nossa casa.

Precisamos sacudir a nossa indifferença, pôrmos todo o nosso esforço n'uma regeneração.

Um sympthoma, que nos traz esperanças de cura é que hoje começam os que teem nas veias uma gotta de sangue vermelho a não se envergonharem de castigar, bem alto, cynismos de indifferentes, torpezas de mediocres invejosos, a desfazerem as glorias que um dia nos puzeram em alvoroço os corações.

Os poetas cantam novamente a Patria e, ainda não ha muitos dias, por amabilidade do auctor, sr. Guilherme Moreira, tive o prazer de lêr um novo livro que tem por assumpto *A Patria Portugueza*.

Os poetas sabem sentir e procuram geralmente a inspiração no meio em que vivem. Os poetas cantam a Patria; é bom prenuncio.

Innegavelmente a arte progride em Portugal, e, se exceptuarmos o que por ahi se chama, não sei bem porquê, alta sociedade, que, geralmente, procura, com um desdem nada intellectual mostrar uma superioridade em que ninguem acredita, a grande parte do publico que sente e raciocina vai mostrando certa predilecção pelo que é nosso, resuscitando n'alma o amor ás nossas coisas.

Brevemente ouviremos no theatro de S. Carlos a nova opera de Augusto Machado, cujos ensaios vão adeantadissimos. É elle um dos nossos primeiros compositores, fervente apaixonado pelas formas modernas da musica. Afóra muitas obras de menor tomo, que entretanto nada lhe enfraqueceram a gloria, Augusto Machado já compôz duas operas que fôram acceites pelo publico de Lisboa e uma d'ellas cantada com grande exito no theatro de Marselha.

Desejamos a continuação dos triumphos ao auctor dos *Dorias* e da *Laureana*.

Em D. Maria entrou em ensaios uma comedia original de Lino de Assumpção, que deverá ser representada em fins de fevereiro.

Já foram annunciadas as ultimas representações da *Mademoiselle de La Seiglière* e no proximo dia 4 deverá ser a primeira representação da traducção que José Antonio de Freitas fez do *Oncle Sam* de Sardou.

Na Trindade representa-se com enorme exito de bilheteira o celebre dramalhão *Dois Garotos*, tão falado pela discussão que se levantou ha mezes no Porto, entre a traductora Sr.ª D. Guiomar Torrezão e o empresario Affonso Taveira.

Chegou o tempo das revistas. O Colyseu já poz a sua em scena. O theatro da Rua dos Condes e o da Avenida ensaiam-as a toda a pressa.

Ha sempre uma extraordinaria anciedade por assistir a esses genero de espectaculos, o mais querido do publico que gosta de pensar pouco e rir muito.

Effectivamente rir do que um dia nos fez doer pode ser dos prazeres o maior. A troça é muita vez um palliativo. Entrou comnosco o microbio?... Toca a rir do microbio! Isto vai mal?... Toca a rir, porque vai mal!

E afinal a teima entre o *Diario de Noticias?* Ganhou o *Seculo*. A marcha fez-se.

E a peça do Schwalback? A festa do auctor? Transferiu-se para sabbado. Ganhou o Schwalback.

O programma da marcha foi cumprido á risca e foram enthusiasticos os vivas em frente da casa de Mousinho.

Não houve programma para a 15.ª da *Sr.ª Ministra*; mas não faltaram palmas ao auctor.

Tudo vai bem, até o tempo que se poz magnifico.

Laus Deo. *João da Camara.*

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO JOÃO CESARIO DE LACERDA

Governador geral da provincia de Cabo Verde

O novo governador geral da provincia de Cabo Verde o sr. conselheiro João Cesario de Lacerda, que partiu para Africa no dia 23 do corrente a tomar conta d'aquelle governo, é um funccionario distinctissimo, pela intelligencia e zelo empregados no desempenhado das commissões para que tem sido nomeado, o melhor d'ellas, no ultramar e muito especialmente na provincia que de novo é confiada á sua administração, Cabo Verde, onde pela segunda vez vae ser governador.

A primeira foi em 1886 por decreto de 14 de maio. Já então conhecia a provincia onde fizera uma estação de tres annos — 1867 a 1870 — como medico da armada e prestara relevantes serviços por occasião de uma epidemia de febre amarella, na cidade da Praia, serviços que lhe valeram o justo premio de cavalleiro da Torre e Espada com que o governo o agraciou. Escreveu então um relatorio sobre febres typhoides na ilha Brava, relatorio que foi publicado com grande utilidade para a sciencia, na *Gazeta Medica de Lisboa*. Este relatorio deu origem a outro impresso pelo ministerio da marinha, e enviado á Exposição Colonial de Amsterdam em 1883, sob o titulo de: *Noticias sobre febres paludosas e sobre uma epidemia de febre typhoide observadas na provincia de Cabo Verde, 1867 a 1870.*

O sr. Lacerda houve-se com tanta intelligencia e zelo, no desempenho d'aquella commissão, que ao terminar a sua estação de tres annos e ao regressar á Europa, o governo logo o nomeou secretario geral da provincia, por decreto de 9 de novembro de 1870, e para lá voltou com grande contentamento d'aquelle povo e proveito da publica administração, que dirigiu durante tres annos e de que pediu exoneração, para regressar á metropole, o que lhe foi concedido em 19 de julho de 1873. Durante aquelle tempo tambem dirigiu com superior criterio e acerto o serviço de saude da provincia.

Tão bons serviços prestou em Cabo Verde que não tardou muito que fossem novamente reclamados para aquella provincia, pois em 1876 voltou a desempenhar as funcções de secretario geral sob proposta do governador sr. Vasco Guedes.

Em 1877 voltou a Lisboa para restabelecer a saude bastante abalada pelo clima d'aquellas terras, mas achando se vago o logar de director da repartição de saude naval e do ultramar, pela morte de João Francisco Barreiros, que por tantos annos o exerceu com rara competencia, foi o sr. Lacerda nomeado para aquelle logar, e quem melhor do que elle o poderia desempenhar com tanto conhecimento dos serviços borocraticos e das provincias ultramarinas.

A reforma a que o governo procedeu em 1878, no ministerio da marinha, extinguio a repartição de saude naval, mas o respectivo ministro tendo em justa consideração os merecimentos do sr. Lacerda e bons serviços prestados, escolheu-o para chefe da secção de saude na direcção geral da marinha.

D'esta importante commissão foi exonerado o sr. Lacerda, em 1886 para acceitar a de governador geral da provincia de Cabo Verde, e tão boa memoria deixou, n'aquella provincia, da sua administração, que volta agora a desempenhar as mesmas funcções, substituindo ali o sr. Serpa Pinto que recolheu á metropole a cuidar da saude.

A nomeação do sr. conselheiro João Cesario de Lacerda, foi acertada e a noticia recebida com alvoroço pelo povo d'aquella colonia, que sabe quanto tem a esperar da sua boa administração como funccionario e das suas excellentes qualidades como homem.

O sr. conselheiro João Cesario de Lacerda, estava exercendo ultimamente o logar de director do hospital de marinha, sendo certo que, na sua já longa carreira publica, tem desempenhado sempre commissões importantes, quasi sem descanso e sempre de modo superior a todo o elogio.

É que aos vastos conhecimentos scientificos, de publica administração e de publicista, que o é dos mais illustrados e selectos no jornalismo e no livro, o sr. conselheiro João Cesario de Lacerda alia as superiores qualidades do seu caracter honrado e bondoso que completam o homem e o funccionario.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DE SABROSO

Um pittoresco ermiterio, tão antigo que se lhe desconhece a época da fundação e que parece vir do seculo XII, é a egrejinha de aldeia, que faz o ssumpto da nossa gravura, copiada de uma primorosa photographia de Carlos Relvas, como as sabia fazer o distincto amador.

Ainda está de pé o antigo templosinho onde se venera a Virgem desde tempos immemoriaes e onde o povo acode todos os annos, em piedosas romarias, clamores e ladainhas, das freguezias proximas e mais distantes, atravessando o Douro.

A egreja de Sabroso fica sobranceira ao rio Tédo, no logar d'aquelle nome, da freguezia de Barcos, concelho de Taboaço e comarca de Armamar.

É toda de granito, de paredes lizas interiormente, abrindo frestas por onde a luz se escoua, sendo de notar a carnija ou cimalha com corocheos e figuras de gente e de animaes em relevo.

A capella-mór é mais antiga, pelo que parece ser da primitiva, tendo havido alguma reedificação posterior no resto da egreja,

EL-REI D. JOÃO II

«Porém despois que a escura noite eterna
«Affonso aposentou no Céo sereno,
«O principe, que o reino então governa,
«Foi Joanne segundo e Rei trezeno
«Este, por haver fama sempiterna,
«Mais do que tentar pode homem terreno,
«Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
«Os terminos, que eu vou buscando agora.

CAMÕES — *Lusiadas*, CANTO 4.º

Folheavamos ha tempo um dos volumes da Encyclopedia, de Diderot e d'Alembert, quando deparámos com as seguintes muito expressivas palavras: «A severidade levada até ao rigor maximo, póde tornar-se tambem humana perfeição; porque os portuguezes dão a João II o cognome de perfeito; e, entretanto, elle foi dos reis mais severos que tenham occupado o thrôno.»

Impressionaram-nos bastante as referidas palavras que acabamos de traduzir, e determinaram o emprego da nossa attenção sobre a physionomia historica d'aquelle monarcha illustre.

Poucas vezes foi visto á frente d'um Estado, pulso de tal quilate dando execução escrupulosa ás resoluções singulares d'uma cabeça tal.

Se D Manuel teve a dita de vêr Portugal attingir a méta do esplendor durante o seu reinado, tudo deveu indiscutivelmente á perspicacia e sagacidade do seu famoso antecessor.

Diremos mais: o caracter de D. João II era tão superior ao do Duque de Beja como o dia á noite, a luz ás trevas.

Foi certamente a grande energia que lhe notou, que inspirou a um inglez a phrase celebre dirigida a Henrique VII «que a cousa mais rara que tinha visto em Portugal, fôra um rei que todos mandava e que de ninguem era mandado.»

No dia 3 de maio de 1455, Isabel, esposa de D. Affonso V e filha do venerando infante morto em Alfarrobeira, deu á luz em Lisboa, aquelle que havia de succeder ao seu ingrato marido.

Tinha pouco mais de 15 annos, quando acompanhou D. Affonso para as emprezas no continente negro, que conquistaram o titulo de *Africano* ao seu progenitor, e praticou taes actos de gentileza que seguidamente á tomada d'Arzilla foi armado cavalleiro pelo proprio pae.

Por occasião da guerra empenhada com a Hespanha, por causa de D. Joanna, evitou o principe que a nossa derrota fosse total, ficando em Toro senhor de campo de batalha.

N'este tempo resolveu Affonso V implorar o auxilio de Luiz XI, de França, o qual apenas tratou de illudil-o na sua esperança.

Depois, pretendeu o nosso rei emprehender viagem de peregrino ás terras santificadas pela presença do Homem-Deus, resignando a corôa no filho, que promptamente lh'a devolveu logo que soube não ter tido realidade semelhante proposito.

Tratando de D. João II, o fallecido escriptor Simão José da Luz Soriano, traça com a sua penna agora inerte este periodo substancioso:

«A fallar d'este celebrado monarcha não é possivel deixar de mencionar aquelle acto de amor,

e piedade filial com que, sendo ja rei em vida de seu pae, e por abdicação d'este, desceu do throno, e largou a corôa a quem lh'a tinha dado, quando D. Affonso V se resolveu a voltar para Portugal; por semelhante acto ganhou o principe (assim se ficou chamando em quanto o pae viveu,) maior, e mais bem merecida gloria, do que por todas as grandes acções obradas no seu posterior reinado.»

Admiradores sinceros do auctor da *Historia do Cerco do Porto*, apesar de applaudirmos com elle a acção exemplar de incontestavel respeito filial a que se alludiu, não affirmamos comtudo que tenha sido a mais brilhante do seu governo.

A administração da justiça mereceu-lhe cuidados estremos, e acabou com abusos graves que á sombra de privilegios e mal entendidas immunidades commettiam os senhores nobres.

Pelo systema de menagens que adoptou ficaram sujeitos á sua inquirição ou dos seus delegados não só as pequenas propriedades mas os castellos dos grandes.

Urdiram-se contra elle algumas maquinações, que só serviram a pôr em relêvo a sua envergadura inflexivel, por isso que não poupou nenhum dos individuos que n'ellas tomaram parte, sendo os respectivos chefes, duques de Bragança e de Vizeu, aquelle executado pelo carrasco em Evora e este apunhalado em Setubal pelo proprio rei.

Divergem as opiniões e os juizos no que se reporta a estas scenas de sangue: sem querermos desvendar as origens nem justificar D. João II, que talvez não exerceu vingança, mas ficou manchado desempenhando o papel de algoz, vamos transcrever a ultima parte d'uma *Supplica* que se diz ter sido feita por D. João ao pontifice romano; encontrámol-a nas *Provas da historia genealogica da casa real portugueza*, por D. Antonio Caetano de Sousa, e é do theor seguinte: «e finalmente outros em Reinos estranhos padecerão morte, e de tal maneira que o dito Rei confessa que sob color de titulo de justiça, e per seu mau induzimento forão mortos oitenta homens, e mais, dos quaes forão dous os ditos Duques, e hum Bispo, e todos os mais forão Cavalleiros, e Fidalgos, os quaes diz que mal, e individamente fez morrer. E posto que destes homicidios, e sacrilegios, que cometeo fazendo morrer um Bispo tinha já impetrado absolvição do Papa Innocencio VIII de bemaventurada memoria Predecessor de Vossa Sanctidade, confessa que a informação que fez dos taes crimes não foi verdadeira, por mandar a sua Sanctidade estromentos, porque fosse informado, e delles podesse conhecer, como todo, o que por elle foi feito em tal caso justamente, e com razão procedera; mas na verdade Sua Sanctidade fora falsamente informado, por cuja causa pede perdão, a Deus, e a V. Sanctidade.

E por quanto o Senhor Rei suplicante he fiel, e temente a Deus, e quer a obediencia da Sancta Madre Igreja de Roma, e propoem de comprir a penitencia, que por os peccados assima ditos lhe for dada, ou lhe mandarem que faça, e porque antes os ditos crimes são alguns reservados a Vossa Sanctidade, e outro nenhum o póde delles absolver, pede a Vossa Sanctidade, que tenha por bem de cometer esta absolvição a qualquer Sacerdote, que seja Mestre em Sagrada Theologia, que elle a sua vontade escolher, para que mereça vir a estado de graça.»

Na mente de D. João II perpassou um dia o sonho d'um imperio para o unico filho legitimo que lhe concedera Deus, e viu quasi realisado o seu pensamento, casando-o com a filha dos reis hespanhoes, Fernando e Isabel; mas, a queda d'um cavallo cortando o fio da existencia em Santarem ao moço principe, sepultou o pae em acérba magua e tornou chimera o colosso peninsular.

Com aquelles reis celebrou-se o tratado de Tordesillas no anno de 1494, em virtude do qual «os descobrimentos orientaes pertenceriam a Portugal e os occidentaes á Hespanha» famosa *linha de demarcação* confirmada pela sancção de Alexandre VI, celebre pontifice.

A maxima empreza porém, de D. João II, o grandioso commettimento que lhe cercou a fronte d'uma aureola imarcescivel e lhe marcou logar distinctissimo entre os maiores vultos da Historia, consistiu em nunca esquecer as tradições maritimas fazendo proseguir em novas viagens os arrojados navegadores seus contemporaneos.

Por sua ordem fundou Diogo da Azambuja (1481-1482), o forte e povoação de S. Jorge da Mina, na costa da Guiné. Ainda no seu tempo Diogo Cão descobriu o rio Zaire e o reino do Congo (1484-1485), e o impavido Bartholomeu Dias dobrou o *Cabo* por elle denominado das Tormentas, nome que D. João mudou para o *da Boa Esperança*. Corria o anno de 1486, tambem assignalado pela descoberta do reino e terras de Benin, por João Affonso de Aveiro; mas nada d'isto contentava o animo activo do filho de D. Affonso V, a quem sorria no oriente a visão seductora da India, beijada pelo sol.

Quiz conhecer os segredos que a aurora, ao romper, confia cheia de carinho áquella terra fertilissima e scismadora; mandou-lhe por via sêca homens de confiança provada.

«Os dois primeiros exploradores incumbidos de tão ardua empreza, escreveu um historiador, e que eram fr. Antonio de Lisboa da ordem de S. Francisco, e João de Montemor não passaram adiante de Jerusalem; porque se lhes certificou não poderem penetrar sem conhecimento do idioma arabico, que obsolutamente ignoravam.

Não de-animou D. João e enviou depois a Pedro da Covilhãa fidalgo da sua casa, e Affonso de Paiva, ambos homens de intelligencia, emprehendedores, ousados, e sabidos. Estes exploradores fôram despedidos com suas cartas de crença, em Santarem a 7 de maio de 1487, estando presente o duque de Beja D. Manuel.»

Covilhãa, que esteve em Cananor, Calicut e Goa enviou noticias a D. João II, que, morrendo em Alvor no dia 25 d'outubro de 1495, não logrou assistir aos triumphos do seu commandante Vasco da Gama, por elle investido no mando d'uma frota que meditou fazer sahir para a primeira viagem da India.

Tal se nos apresenta D. João II, o primeiro entre os monarchas portuguezes; e se elle tivera acceitado os offerecimentos do genovez Colombo, ter-se-hia visto Portugal, débil tira territorial da Europa, dominando o mundo, isto é, o phenomeno extraordinario, physicamente fallando, da parte abarcar o todo.

Dormem as cinzas de D. João II á sombra das naves magestosas da Batalha; leito insigne do principe cuja memoria refulge immortal.

D. Francisco de Noronha.

O MOSTEIRO DOS JERONYMOS

(Continuado do numero antecedente)

Ao vêr o grande portal dos Jeronymos eu imagino um quadro com muitas figuras e episodios.

Mestre architecto com os seus papeis da traça e o seu giz vermelho, carapuça á banda e gibão desabotoado, gira e attende, entre as duzias de canteiros e lavrantes; e os grupos de frades, de doutores, de cavalleiros, de homens do mar, e até de arraia miuda, fallam, dão sentenças, tagarellam e motejam dos lavores que vão surgindo nas faces das pedras. É uma festa, aquella obra!

— Esse cabo, que bem lavrado! parece a valer.

— Como o nó está apertado!

— Aqui está S. Jeronymo com o seu leão,

— Reparem na estatua do infante D. Henrique, armado e brazonado.

— Veja este papagaio de Santa Cruz.

— Olhe este bugio da Guiné.

E o mestre, rindo, vae mettendo na traça, *brincando*, os elementos que a multidão lembra na sua ingenuidade. O espirito do artista obedeceu, encheu-se da impressão da época, de tanta cousa maravilhosa que andava no ar.

E fica, e ficou, representada a *mente* da época; o *estado* da patria; a historia, a religião, a crença popular; o motivo do cultismo, o elemento da moda, *á romana*, a par do trecho do ultramar, do estupendo descobrimento além d'aquella barra, da sublime foz do Tejo.

E ficou a estatua do infante, o heroe da sciencia e da patria; a esphera de D. Manuel e o escudo das quinas, e ficou a religião, o Crucifixo, Senhor dos Afflictos e a imagem da Virgem, mãe dos desamparados, e S. Miguel, que afugenta o demonio e os maus pensamentos; e as fructas do oriente, as folhagens raras, cabos e correntes, e enfiadas de vieiras, tanta cousa exotica, ornamentando frisos e meias canas, pilastras e voltas. Até uma vez um canteiro, em recanto escuro da igreja, esculpiu um peixe, o pequenino e adorado peixe, que muitas gerações de pescadores teem forrado de beijos e lagrimas.

Essa fluctuação do *manuelino* representa, a meu vêr, exactamente o espirito do tempo; é um echo da celeuma da multidão.

Do mosteiro de Santa Maria de Belem, no seu conjuncto ou dos seus trechos teem tratado muitos escriptores nacionaes e estrangeiros, Rackzynski, Quinet, Haupt, etc.

É de F. A. de Varnhagen a *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem* (Lisboa, 1842).

Na *Historia de Portugal, continuação á de Schæfer, por I. L. Domingues de Mendonça* (Lisboa, 1845), no tomo VIII vem, como appendice, uma extensa *noticia historica de Santa Maria de Bethelem*.

O abbade de Castro, Antonio Damaso de Castro e Sousa, escreveu sobre o mosteiro.

No *Archivo Pittoresco*, vols. I, VI, VIII e IX se encontram artigos acompanhados de gravuras do interior da igreja, do claustro e do portal.

Ribeiro Guimarães, no *Summario de varia historia* vol. III. Mendes Leal, nos *Monumentos nacionaes*. No vol. II, das *Artes e Letras*, ha noticias de valor.

Haupt publicou a planta geral, alçado, vistas do interior, da grande e monumental porta do sul, do portal principal, e alguns trechos, um pulpito, a columna central da sacristia, elementos do côro, etc.

Na *Arte Portugueza*, n.º 6 e ultimo, appareceram duas coisas novas, uma vista do pavimento superiot do claustro, e vinte graciosas gravuras representando cabeças de prego, decoração de singular variedade applicada aos frestões ou janellas da parede sul da egreja.

(Continúa). *G. Pereira.*

ARTE PARA TODOS [1]

O mobiliario é, de todos os ramos das Artes decorativas, o que depende mais immediatamente da Architectura. Construida a casa, pensamos, desde logo, nos móveis e nos pertences.

A vida, rude, nomada, tão incerta e tão cortada de perigos durante os primeiros periodos da Edade-Média, não consentia muito luxo de mobilia. A cama, o faldistorio, cathedra ou cadeirão de estado, para o senhor ou para o hospede de respeito; algumas arcas bem seguras, chapeadas de ferro, para arrecadar o escasso numerario, os vasos de ouro, a prata, as alfaias ricas e tão difficeis de obter de longes terras; tapeçarias, lambeis e pannos de arrás de proveniencia exhotica tambem, que nos dias duplices penduravam em pregos ou ganchos, fixos nas grossas paredes, ou extendiam sobre as tóscas bancadas e os escabellos e mesas de pé de tesoura; o pesado banco de espaldar, banco e arca ao mesmo tempo, e nas costas do qual, mais tarde veiu enxertar-se um armario, eis o espolio do palacio ou antes do castello feudal, até o seculo XIII, com variantes de origem mosarabe, na Peninsula hispanica, no sul da Italia, e obedecendo nos paizes do Norte, mais afastados da civilisação latina, a influencias locaes, de cararter mais rude e primitivo. Quem sahia de casa — para o não virem pôr fóra á fôrça, as mais das vezes, com vida ou sem ella, o que então merecia, aliás, pouca importancia — levava a mobilia, pelo sim pelo não.

Organisou-se o trabalho, graças á perfeita disciplina d'essas admiraveis corporações de Artes e officios, em que o artifice, passado pela fieira de longa e severa apprendizagem, conquistava, por assim dizêr, as suas esporas de cavalleiro — pois só era promovido a official, depois de ter apresentado a prova de mestria — a obra prima — o *chef-dœuvre—o capo-lavoro*, essas peças de todo o genero, que os museus hoje arrecadám com afan, verdadeiras maravilhas, muitas d'ellas, de consciencia, de talento, de senso prático.

Artista, artifice, operario, eram, n'aquelles periodos, termos equivalentes. O mobiliario do periodo ogival é solido, sempre bem acabado, de formas simples, rectilineas, mais architectonicas e ornatadas nos moveis e pertences de egreja, mais imprevistas e sobrias nos de uso caseiro. O carvalho era a madeira preferida, e o marceneiro, o entalhador tiravam d'ella todo o partido, n'esses admiraveis rendilhados de trevos, quadrifolios, lançarias, sem excederem jamais as possibilidades do material: nada de virtuosidade inutil, sabiam parar a tempo, e é esta a licção que nos apresentam ainda hoje os exemplares que o tempo ou a mão do homem não lograram destruir.

A serralharia de martello, o ferro forjado, especialidade em que foi mestra a Arte ojival, attingiu nos seculos XIII e XV grau de perfeição inexedivel, e tambem serviu frequentemente, por modo admiravel, de adorno ao mobiliario.

N'esse brilhante seculo XV, o viver, já mais polido, augmentando as necessidades, deu logar a aperfeiçoamentos no mobiliario. Apparecem mó-

[1] Excerpto do livro *Arte para todos* n.º 199 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*.

D. JOÃO II

(Desenho original do sr. Manuel de Macedo)

veis novos, a credencia ou aparador, para ostentação das ricas baixellas; buffetes, mesas, armarios, sumptuosamente trabalhados, etc.

Entrada a renascença, é logo mais ostentoso o movel, profusamente entalhado, insculpido. Começa a arte de apparato, os trastes, em vez de peças de utilidade mais ou menos immediata, descambam em pretexto para exhibir primores de esculptura. Verdadeiras maravilhas de Arte, muitos d'elles, de pureza de estylo, de gosto, não soffrem, comtudo, confronto com o movel gothico, sob o ponto de vista da racionalidade, da applicação prática.

A construcção mais perfeita, as disposições mais confortaveis da casa quinhentista, as vastas estancias lageadas repartidas em aposentos, e não já divididas, provisoria ou eventualmente, pelas tapeçarias colgadas nos varões de ferro, fazem desapparecer a *alcova*, estrado movel armado sobre rodas, protegidos tres dos lados por um tabique assaz elevado. Assente sobre o estrado, o faldistorio, ou cadeirão, em frente, a estante para a escrivaninha, e, ao lado, outra mais pesada para os codices, os livros. Este movel complicado e dando logar, por vezes, a artificios engenhosissimos, livrava o estudioso, o sedentario, das correntes de ar, da humidade do desconforto, em summa, d'aqueles vastos e inhospitos casarões.

No seculo XVI, o numero dos moveis augmenta: apparecem esses maravilhosos contadores, os ricos armarios e arcazes insculpidos, primeiramente, depois adornados de embutidos de madeiras, de marfim, de marmore e lapis-lazuli, de pedras preciosas, e em que figuram tambem já a prata e o bronze, cinzelados.

As nossas frotas da india espalhavam pela Europa as maravilhas da Arte oriental, até então mais raras, e que em Flandres, Italia, França e Allemanha principiam a ser imitadas. Funda-se em Arras essa admiravel manufactura de tapeçarias, os pannos de *Arras*, ou de *Raz*, Bruges, Bruxellas, Oudenarde e outras localidades dos Paizes-Baixos tornam-se célebres na mesma especialidade. Depois são os tapetes de Fontainebleau, os de Ferrara. Modena, Florença, Veneza e Genova, a Sicilia, febricam riquissimas drogas, estofos preciosos.

Pouco a pouco vão-se imitando tambem essas maravilhosas alcatifas e tapetes avelludados da Persia, do Korassan, do Cairo, de Bagdad, entretecidos de ouro; e o tapizeiro, por excesso de virtuosidade, entra em lucta com o pintor; no seculo XVII, a tapeçaria vae perdendo o caracter decorativo que lhe é proprio, approxima-se da pintura imitativa, tendencia que mais se accentua nos celebres *Gobelins*, manufactura eschola fundada por Luiz XVI, simultaneamente com outras, destinadas ao aperfeiçoamento dos varios ramos das industrias artisticas. Ainda existe o estabelecimento dos Gobelins, e, fiel á tradição ou á rotina, vemos em França, o paiz das Artes, o tapizeiro, ainda hoje, dividir a sua attenção por 70:000 fios de lã e seda de côres diversas, gastar annos e annos para, em final resultado, produzir a imitação mechanica impessoal, da tela que o talento do pintor completou na terça parte do tempo.

D'estas incongruencias encontramol as, porém, a cada passo, na moderna Arte decorativa.

O pintor de nomeada não se restringia a empunhar, subindo ao andaime, a brocha larga do frescante, compunha o modelo para o tapizeiro, o debuxo para o bordado; quando não traçava o projecto para o edificio, para a fonte monumental, ou simplesmente o desenho para a armadura de torneio, pintava a tabella do movel, encarnava a imagem. Pintor e esculptor viviam mais sobre o andaime do que na officina, e o estatuario largava a esculptura monumental, a obra-mestra que devia immortalisal-o, para cinzelar o vaso de bronze, e até para rebater a martello o gomil, a salva de prata.

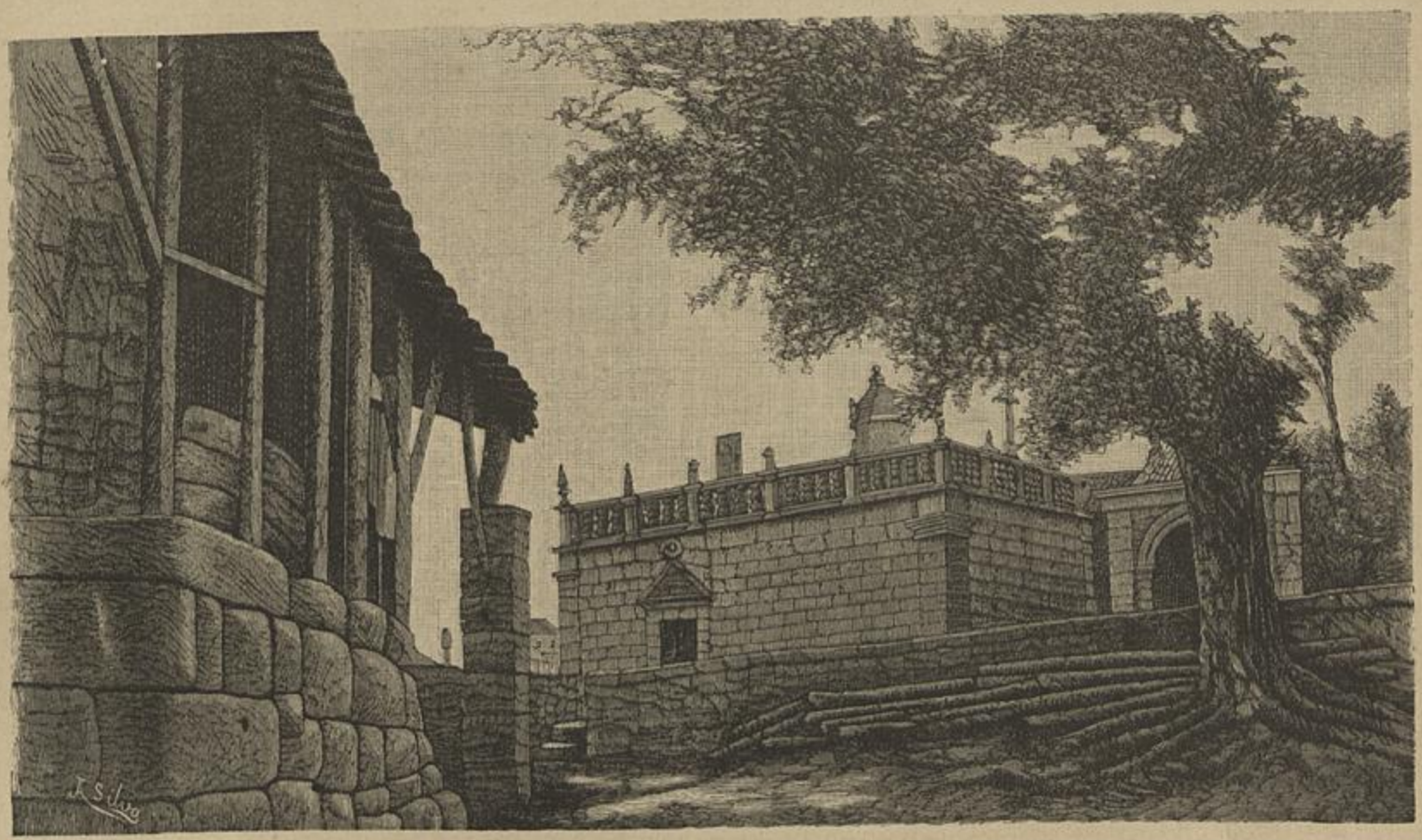
As corporações artisticas eram vasta familia, os membros auxiliavam-se mutuamente, na sua commum aspiração do Bello e na mais modesta bugiganga deixavam impresso o sello do enthusiasmo e do talento. Tudo se fazia a valer, não havia ainda *obra para a loja*.

Existiam, sem duvida, centros privilegiados, cujas producções, por mais perfeitas, corriam mundo.—Florença, Veneza, Milão, as cidades da Italia, quasi todas tinham fama em variadissimas especialidades. Bronzes, loiças, vidros, sedas, setins, brocados e brocatellas, gorgorões, tapeçarias, ricos bordados, armas e arnezes de guerra, essa arte admiravel do alfageme e do armeiro que a Allemanha, no ultimo periodo ogival, levára á perfeição. Augsburgo, Nuremberg, Dresda foram célebres pelos seus móveis esculpidos, e mais tarde embutidos de madeiras; tiveram tambem grandes ourives, que não desdenharam mostrar o seu talento e o seu saber trabalhando o latão e o estanho. Dinant, em França, adquiriu fama pelos seus vasos e utensilios domesticos, de cobre. Em seguida á descoberta do esmalte de estanho, este é applicado ao barro, á *argilla figulina*. A Allemanha destingue se pelas suas fabricações ceramicas e a Italia, excede-a. D'alli a pouco, o solo italiano cobre-se, por assim dizer, de fabricas, espalhando por toda a parte essa admiravel faiença italiana, maravilha da arte decorativa, pois quanta vez não tiveram os loiceiros de Faenza, de Urbino, de Pezzaro, de Gubbio, de Ferrara, de Doccia, de Deruta, por mestres, por auxiliares poderosos, os grandes vultos da pintura e da esculptura!

Na peninsula hispanica, a tradição oriental da ceramica, transmittida pelos sarracenos, produz essas loiças admiraveis de reflexos metallicos, os esplendidos azulejos, que nas ardencias do seu clima supprem com tanta vantagem a tapeçaria.

Duas applicações da Arte, que no apogeu da Edade-Média haviam attingido a perfeição, o mosaico de vidro, o mosaico transparente applicado á janella, e a pintura em vidro, meio diverso de preencher o mesmo fim, essas admiraveis vidraças coloridas, que imprimem tão prestigioso effeito aos interiores da cathedral, do edificio da Arte ogival; a Armaria, arte deliciosa que a invenção da polvora veiu condemnar a rapida extincção, desapparecem, infelizmente, com a Arte da Renancença.

Assumem outras maior desenvolvimento, mais subido grau de perfeição, é certo, e entre ellas a ourivesaria. N'esse periodo de ostentação, todos queriam alardear riqueza, nas baixellas, nas armas, nas joias, e até nos trajos: a arte do ourives, do bordador, attinge proporções assombrosas. E depois, o metal precioso não perde valor, não se gasta, é riqueza positiva; verdade é tambem que, em caso de apuro, é o recurso para que se apella; e d'ahi a escassez relativa d'esses monumentos da formosa ourivesaria dos periodos ogivaes, d'essa outra mais sumptuosa e plasticamente perfeita da Renascença e dos periodos posteriores: quanta e quanta peça rica, dos thesousouros das egrejas, dos mosteiros, das credencias e das arcas de castellos e paços reaes ou solarengos foi transportada em pesada carroça para a



EGREJA DE NOSSA SENHORA DE SABROSO

(Copia de uma photographia do sr. Carlos Relvas)

Moeda, a derreter, afim de pagar á hoste assalariada, ao insaciavel *condottiere*, para completar o pesado tributo, a indemnisação de guerra imposta pela avidez do vencedor!

A Ourivesaria serviu, em mais de um caso, de tirocinio aos mestre da esculptura, e auxiliava-se do joaleiro, do esmaltador e portanto do pintor. O periodo mais bello, mais puro da joalharia moderna, é o da Renascença, cujos artistas tão bem comprehenderam a proporção a estabelecer entre o ouro, a prata e a joia.

O grande Holbein, Dürer, e outras summidades da pintura e da esculptura mais de uma vez delinearam esses deliciosos adereces da época; a cadeia de hombros, o firmal, a medalha para o barrete, os brincos de pingentes, o punho da adaga ou da espada. A datar do seculo XVII a pedraria predomina, invade, pouco a pouco, a peça toda: começa a ser considerada unicamente pelo seu valor material.

O mobiliario, entrado o seculo XVII, torna-se mais pesado, formal; exaggeram-lhe as dimensões, e n'elle repetem as formulas, os membros architectonicos.

Em alguns trastes domina, por assim dizer, o monotypismo, conforme o vêmos n'esses buffetes e contadores de pau preto, com applicações de cobre lavrado, n'essas cadeiras e bancos de coiro de Moscovia, que entre nós vieram quasi a ser banaes, a constituir o fundo permanente do adelo.

Vendidos e tornados a vender, já verdadeiros, já falsos ou enxertados, o concerto, a imitação inteira ou parcial d'estes móveis constitue quasi que a unica manifestação activa do nosso marceneiro artista, do nosso entalhador!

A esculptura, a obra de talha do seculo XVII, perde a delicadeza, a variedade inventiva que no seculo antecedente a distinguiam; é a época d'esses grossos *seguintes* repolhudos, muito vasados, transfurados, os quaes, cobertos de douradura, enchem as nossas egrejas.

O lavor damasquino, a *tauxia*, a *intarsia*, tão primorosamente applicado ás armas e armaduras orientaes, e adoptado pelos artistas occidentaes, na armaria, passa a ser empregado nos móveis. Veneza, Genova, eram especiaes n'este genero de trabalho, e os embutidos e applicações de metal, no mobiliario — o *lavoro á la Certozza* — ou *Certozzina*, vem, nas mãos de um peregrino artista, *Boulle* (ou Buhl), a produzir, ahi pelo meado do reinado de Luiz XIV, esse mobiliario tão rico e primoroso, ao qual ficou vinculado o nome do célebre marceneiro d'el-rei.

O progresso realisado nas Artes decorativas durante a ultima metade do seculo XVI, rivalisa, salvo todavia a pureza do estylo, com o que haviam attingido no periodo aureo da Renascença.

As especialidades approximando-se, coadjuvam-se; combinando-se, entre si, dão logar a novas especialidades. A vida de côrte, a sociabilidade, as festas e recreios vem dar logar a novas manifestações artisticas, a novas applicações de elementos já conhecidos.

Os bronzes de Arte, os objectos de toucador, de adôrno, dos móveis e das pessôas; os estojos, carteiras, bocetas; essa infinidade de pequenos objectos primorosos, em que encontram applicação o marfim, o alabastro, o onyx, o jaldo, a tartaruga, a madreperola, e que sei eu... desde esse periodo até aos fins do seculo XVIII, vão n'um *crescendo* constante.

A arte da China e do Japão, que nós espalhámos por toda a Europa, não produziram como effeito unico a ceramica européa, essa faiença que da Allemanha e da Italia passára á França, aperfeiçoando alli, durante o seculo XVII, immensamente os seuc processos, e creando um sem numero de centros de fabricação, cujos typos principaes, Roão, Nevers, apenas conseguiram exceder, em Delft, os louceiros hollandezes. O artifice europeu já imitava o tapete oriental, os sirgos, as bellas sedas de Aleppo; agora, sob a influencia das maravilhosas sedas da China, já fabríca os bellos damascos, os sumptuosos velludos de Genova.

A renda, essa deliciosa arte caseira, — que entre nós tão bem cultivam as mulheres da beira-mar — tão completa na escassez dos seu elementos constituintes, e ministrando ás outras artes licção perenne de simplicidade nos meios de expressão, que ellas bem pouco tem sabido aproveitar, adquiriu consideravel desenvolvimento n'este periodo, e os seus diversos typos ficaram conhecidos pelas designações dos centros onde eram fabricados, como por ex.: o *ponto* d'Alençon, de Bruxellas, de Veneza, d'Inglaterra, de Hespanha, da Hungria, da Allemanha, etc. Durante o seculo XVIII, o seu desenvolvimento é crescente; invade-a, porém, como tudo mais o *naturismo*, as voltas e reviravoltas; as rocagens do *rocócó* vem perturbar as suas fórmas até ahi tão sobrias e apropriadas.

O luxo, o ideal de elegancia da côrte de Luiz XIV, vem dar immensa vida á arte do bordador. Ainda muito antes dos Cruzados terem transportado para o Occidente os maravilhosos tecidos e bordados orientaes, já as damas anglo-saxonias haviam diffundido pelo continente europeu o *opus-anglium*, o bordado a sedas, sobre linho. Durante a Renascença, essa arte attingira a perfeição. Além dos *brosladores* de officio, exerciam-n'a as damas e donzellas, na côrte e nos castellos e solares, ajudadas pelas aias e pelas escravas.

O mimo dos bordados portuguezes, a sedas, ouro, prata e aljofares, esses recamos tão opulentos e artisticos, que adornavam as alfaias e as vestimentas do culto, as vestes para uso profano, mais de uma vez vieram deslumbrar o publico, nas exposições, entre nós e no extrangeiro.

A' tapeçaria que, entrado o seculo XVII, forrava as paredes, já não em fórma de colgaduras, mas sim fixa em molduras de rica obra de talha dourada, e que começava tambem a forrar as cadeiras estofadas, substitue-se o *guadameci*, ou coiro de Cordova, estampado, lavrado e dourado ou prateado. No fim do seculo cede logar ao damasco, ás ricas sedas matizadas.

O vidro, os espelhos facetados eram especialidade veneziana e tambem se fabricavam na Bohemia, assim como o crystal de rocha, que no seculo XVII deu logar a tanta maravilha artistica. No reinado de Luiz XIV, adquire nome a vidraria de Roão, e pouco depois, o vidro lapidado inglez.

No fim do decimo setimo seculo a fabricação dos espelhos, aperfeiçoada em França, consideravelmente ampliadas as dimensões das chapas, dá ao espelho um logar importante na decoração; apparece o tremó *(trumeau)*, e começa a applicar-se o ouro aos móveis.

O relogio representa papel importante na Arte decorativa. A renascença italiana e a allemã concorreram ambas á creação da relojoaria da Arte. A solução de um problema de physica trouxe a applicação do pendulo ao relogio, e a transformação d'este: — o relojoeiro francez, a datar da época de Luiz XIV, realisou maravilhas de arte, que os seus collegas allemães e de outros paizes imitavam. No fim do seculo XVIII, a relojoaria attingia a perfeição. O bronze cinzelado e dourado, os marmores, as gemmas, a ágatha, o onyx, o jaspe, o jaldo, o marfim, a tartaruga, o charão e, mais tarde, a porcellana, toda a materia prima, em summa, que artistas como Boulle, Caffieri, Gonthiere, Thomire, e quantos mais, julgaram susceptivel de adaptação ás manifestações de seus peregrinos talentos, tudo a relojaria adoptou. O relogio d'algibeira segue os mesmos tramites, e avulta no rol das joias e preciosidades artisticas que essas épochas nos legaram.

As *Artes de imitação*, a Pintura e a Esculptura, acompanhavam, ou para melhor dizermos, guiavam na senda do progresso as *Artes de invenção*, isto é, as artes decorativas. Surgiu a brilhante Eschola hespanhola, sob a influencia da flamenga, e depois, da italiana. Paira, acima dos grandes nomes que a canstituem, o de Velasquez, esse mestre da technica do pintor, esse egregio percursor do moderno realismo, tal qual, d'entre os mestres da Eschola hollandeza, que a par da flamenga, tomára vulto, surgem os nomes de Rembrandt e de Franz Hals. Constituira-se tambem a franceza, sob os auspicios de Lebrun, um mestre, não ha duvida, mas que a posteridade não colloca á altura dos primeiros. Ahi por meados do seculo XVIII revela-se a Eschola ingleza e á frente d'ella, o seu chefe, talentoso quanto erudito, Sir Joshua Reynolds, na pessoa do qual o academismo — pois a exemplo de Luiz XIV, os principaes monarchas da Europa haviam fundado academias de Arte — recebe fóros de nobreza. Vem a ser fatal esta medida, este exemplo dado por Jorge III, animado em desejo aliás louvavel, de exalçar, aos olhos dos subditos, indifferentes n'essa épocha a tudo quanto fosse artes, a Arte e os seus cultores. Andava já nos diccionarios e na linguagem corrente, o termo Bellas-Artes, abrangendo apenas as tres especies, Pintura, Esculptura, Architectura. As duas artes exclusivamente imitativas, consentindo apenas no seu gremio a Architectura, a arte inventiva, que tem logar á testa das outras todas, pois é ella que a todas domina, baniam as restantes; desinteressavam-se d'ellas condemnando-as a occupar logar subalterno, a agruparem-se como melhor pudessem com os officios.

Crearam, d'este modo, ao artifice uma posição falsa; — especie de peixe voador, os artistas, miram-n'o por cima do hombro, e o operario, com uma pontinha de inveja, olha-os de revez, chamalhes ironicamente *fidalgos*. O architecto, mais intelligente, não ousa, porém, comprometter-se com os seus dois congeneres em categoria; se extende a mão ao artifice, fal-o a medo, ou por conveniencia propria, e eis ahi uma das causas que mais concorreram a deprimir modernamente as Artes decorativas, a entregal-as pouco a pouco nas mãos de mercenarios! O senso-commum, esse irmão mais boçal do bom-senso, não percebe, nem que lhe abram a cabeça, o papel que compete á esthetica, e que ella é chamada a representar na vida prática de qualquer povo civilisado. O *senhor Toda a Gente* nutre, com respeito á Arte, as noções as mais abstractas, e mais abstrusas tambem. A Arte é para elle «... *uma coisa!*... Muito cara, muito sublime de mais!» Não come com elle á mesa, paira-lhe eternamente por cima da cabeça, qual balão! E depois, em sua louvavel economia lá vae largando os cobres na mão do empreiteiro, do fabricador d'essa *Arte por atacado*... Ora, pois sim! Salvam-se as apparencias, e d'ahi, sabidas as contas, sae muitissimo mais barato.

Os transtornos, a confusão deploravel que resultaram de tal estado de coisas, vel-os-hemos no capitulo immediato, e ultimo d'este livro.

Entre as diversas manifestações artisticas ás quaes a França soube dar tão consideravel impulso, n'essa época, uma affirmava, desde o fim do seculo XVII, o seu progresso, — a Esculptura.

A Estatuaria franceza, sob a inspiração de artistas como Pigalle, Coustou, Houdon, Falconnet, e mais tarde de Clodion, logrou resistir á crise que coincidiu com a Revolução, e constitue hoje a verdadeira superioridade artistica, a maior gloria da Arte franceza, a que melhor representa o genio da nação: e a esculptura moderna, quer na Europa, quer na America, deve os seus mais importantes progressos á influencia do estatuario francez.

A feição caracteristica do estylo do seculo XVIII é o maneirismo, a repetição das formulas. As rocagens, os concheados, as *chicorias*, as curvas sinuosas, imprevistas; o horror da linha recta manifesta-se na architectura, no movel, na baixella, na porcellana.

O charão começa a applicar-se aos móveis primeiramente, o da China e do Japão; d'ahi a pouco, imita-se, com essas chinesarias impossiveis, phantasticas. Depois é o acharoado, o verniz Huygens, d'invenção flamenga, e o de Martin francez. É a época d'essez móveis barrigudos, circumflexos, que o talento dos Riesener, dos Chippendalle, dos Caffieri, soube tornar interessantes. Appareceu o consólo, a commoda; a papeleira, os escaparates envidraçados, as cantoneiras, os sofás e canapés estofados, o abuso dos cortinados inauguram o confôrto, o commodismo que a nossa éra exaggerou no mobiliario, chegando a resultados tão feios.

O leque, a caixa de rapé, a boceta para os confeitos e golosinas, e esses mil objectosinhos de virtuosidade preciosa, mas de utilidade, por vezes, contestavel, legam-nos tambem o exemplo da arte *inutil*, — se é que o inutil tem logar na Arte — exemplo do qual tanto viémos a abusar.

A manifestação artistica mais saliente do seculo XVIII é, sem a minima duvida, a porcellana. As porcellanas chinezas e as japonezas causavam delirio, e o que é sempre melhor, emulação.

Reis, principes, duques, bispos, nutriam um unico empenho: penetrar o segredo d'essa maravilhosa porcellana asiatica. Um aventureiro, aliás instruido e talentoso, Boettger, que andava empenhado em desvendar o segredo da porcellana, pelo mais singular acaso encontrou nos polvilhos da propria cabelleira o kaolino, e em seguida a numerosas tentativas, fundava em Meisen, junto a Dresda, capital da Saxonia, a celebre manufactura de porcellana de Saxe, cujas formulas decorativas tanto vieram a influir no estylo *recoco*, ou concheado. Grassava por toda a Europa a febre da porcellana, e em menos de meio seculo, a Allemanha só por si contava cêrca de quarenta fabricas, entre as quaes se distinguiram as de Berlim, Frankenthal, Nuremberg, Hoechst, Ansbach. Em breve a de Vienna de Austria vem rivalisar com as mais reputadas. Fundou-se tambem logo em França as de Chaillot e de Saint Cloud e, annos depois, as de Chantilly, Strasburgo, Mennecy, e Vincennes que desde o reinado de Luiz XV, sob o titulo de Manufactura Real de Sevres, veiu a ser, até nossos dias, o mais reputado centro de producção em todo o mundo.

A emulação, o empenho em rivalisar com a porcellana asiatica, e mais tarde a pretenção vaidosa de se lhe excederem os primores, induziram em grave erro os decoradores-porcellanistas. A pintura fixada em lume intenso, o *fogo de escalda*, o legitimo processo applicavel á ceramica, substituiram a miniatura, fixada a calor brando, adaptação falsa, expediente decorativo sem valor artistico, portanto, e que arrastou os artistas a empregar formulas completamente absurdas, n'es-

sas loiças que os pseudo-amadores pagam por preços muito mais absurdos ainda.

A porcellana encontrou tambem applicação no mobiliarjo.

Nos fins do seculo XVIII, apparecem em Inglaterra dois typos de fabricação ceramica de vária importancia artistica, a porcellana opaca e o pó de pedra, e coincide alli, em estes dois inventos outro ainda, que veiu dar o ultimo golpe á formosa *arte do barro*, a faiença, a decoração por meio de estampagem, a lithogeognose.

Com o reinado de Luiz XVI, os progressos da archeologia, e tambem os abusos desordenados em que cahira o estylo concheado, provocaram geral reacção; o gôsto voltou-se de novo para o classico, tendencia esta que o academismo da época aliás favorecia. O estylo adquire sobriedade, impera a linha recta, as formulas da architectura grega, os pés dos móveis todos em estrias — festões, laureis, gregas, meandros, predominam na decoração; e o espelho, cuja fabricação progredia immensamente substitue-se á pintura decorativa, reduzida agora a silvados, a cercaduras, e aqui e acolá, um medalhão, um motivo central — estavam em moda as pinturas pompeanas.

Chega, porém, o fim do seculo, e com elle essa calamidade para as Artes decorativas, a Revolução franceza, que vem dispensar os elementos artisticos, e lançar essas artes n'um marasmo, do qual, durante largos annos, não conseguiram despertar.

Manuel de Macedo.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

V *

(Continuado do numero anterior)

Entram em scena os dois candidatos

O plano, primeiro discutido extensamente, melhorado, aperfeiçoado, levado ao cumulo e approvado por unanimidade, era o seguinte:

Romulo tinha de inclinar Frederico para ideias conjugaes; Joaquim tomaria á sua conta o engenheiro Ferri e tractaria de o seduzir, de o apaixonar e de fazer com que perdesse a cabeça por causa da Amalia.

Os dois cumplices esfregavam as mãos, satisfeitissimos com o seu plano.

Ao contrario do que era de presumir, Romulo, que se armára de ponto em branco para sustentar tremenda lucta, não encontrou da parte do despreoccupado moço a resistencia que esperava. Fosse porque a palavra *casamento*, cahindo de altura tão insolita, tivesse adquirido virtudes que nem o proprio Joaquim lhe havia suspeitado, ou porque o Frederico se achasse n'aquelle dia bem assombrado, o certo é que ergueu os olhos, espantado, riu, em seguida, estrepitosamente, depois, assumiu ar sério e disse, por fim, com extrema placidez:

— E porque não? Procura-me tu mulher.

— Está procurada!

— Não a quero; aposto que é rica, formosa como um anjo, e estupida na mesma proporção.

— Não é rica, é formosa como um anjo e travêssa como um diabrete E demais, has-de vêl-a...

— Heide vêl-a? Onde? Quando? Advirto-te que não posso esperar; o meu geniosinho matrimonial não póde desperdiçar nem um quarto de hora. Não ficando o negocio hoje resolvido, não temos nada feito.

Espera — disse Romulo, e plantou-se a meio da rua inclinando-se como quem procura o perdido.

A resposta das suas botas não se fez esperar.

— Ah! — disse — hoje: esta noite, ás seis, terás urgente necessidade de vêr-me e de fallarmos immediatamente, vaes a minha casa, não me encontras, dizem-te que fui jantar a casa do doutor Roque Trombeta, rua da Corça, nº 11; pedes mil perdões ao doutor Roque por te apresentares áquella hora .. e mais nada.

— Está dito; ás seis!

Frederico soltou uma gargalhada, que não vinha nada a proposito, e Romulo seguiu apressado para casa a participar a noticia ao Joaquim; este, porém, até á hora do jantar ninguem mais lhe pôz a vista em cima.

Sob as olhadelas inquisitoriaes do doutor Roque, que farejára um mysterio no aspecto dos seus comensaes, era impossivel que mutuamente se interrogassem. Romulo, sem embargo, foi atrevido, e de um ao outro lado da meza perguntou:

— Porque é que ninguem hoje foi capaz de te pôr a vista em cima?

— Tive que fazer; nem pódes imaginar o que eu tinha a fazer.

No intuito de sublinhar de algum modo suas palavras, Joaquim cravava olhar vivo e insistente no rosto do amigo.

— Mysterios! — resmungou o dr. Roque — quero dizer, impertinencias .. porque cada mysterio representa uma impertinencia dita a quem a tal respeito nada sabe.

— Dize ao menos *calada*, e não *dita* — observou Amalia a rir.

E para lhe fazer companhia, riram todos. Ás seis, menos tres quartos, ouviu-se a campainha da porta, com som timido e discreto.

— Quem será? — perguntou a Amalia.

— São seis menos um quarto — disse Romulo consultando o relogio.

— Adianta se! — observou Joaquim, falando comsigo mesmo.

— Não é chronometro regulador; anda pelos relogios electricos. — Que horas são no teu?

— Seis menos um quarto.

— Então já vês! — exclamou Romulo — e immediatamente, sem reparar no que dizia, acrescentou: «Adianta-se.»

Os dois amigos fitaram-se, rosto a rosto, e o dr. Roque, de pescoço estendido e os olhos cravados na porta, resmungou, segunda vez:

— Mysterios! Impertinencias!

Entrou, por fim o creado.

— Está ali um sujeito que quer falar com o senhor — disse, olhando para Joaquim.

— Já sei o que é — respondeu Romulo, levantando-se apressado e soltando o guardanapo.

— E' por mim que pergunta? — observou Joaquim. — Não sei quem seja... eu volto n'um instante.

Romulo não se decidia a sentar-se. Momentos depois, entrava, a reboque do Joaquim, um joven desconhecido. Joaquim, de guardanapo ao pescoço, ostentava certo ar sacerdotal.

— Doutor Roque, permitta-me que lhe apresente o engenheiro Enéas Ferri; ha muito que eu desejava que o conhecesse, e já que appareceu a fallar comigo sobre assumpto urgente... tomo a liberdade ..

— Tenho a maxima satisfação — atalhou o dr. Roque, ameigando a voz e erguendo-se um pouco — tenho realmente immensa satisfação...

Enéas protestou que a satisfação a tinha elle, fez profunda cortezia ás senhoras, um gesto amigavel a Romulo e sentou-se em frente de Amalia.

— Que tunante! — pensava Romulo — como elle sabe entrar no assumpto! — Está estudando a pobre pequena e demonios me levem se antes de se ir embora não a sabe de cór e salteada!... E este Frederico sem apparecer! — Desditoso! — Se tem muita demora, este birbante prega-lh'a — olé! E curioso que o Joaquim tivesse a mesma ideia que eu tive. Mas realmente antes assim... E então, hein? — parece que a quer tragar com os olhos; falla, exprime-se com acerto, responde a proposito e continua a tragal-a! — — E este Frederico que não apparece!...

Um quarto de hora depois, quando a Amalia, adiantando-se para Enéas, lhe servia uma chavena de café, acompanhando-a com um sorrizinho modesto, o embeiçado engenheiro, não contente com haver medido com os olhos a pequena, seguindo-lhe de longe os movimentos todos, ergueu-se da cadeira e, com verdadeira complascencia notou que seus olhos se espraiavam commodamente por cima dos negrissimos cabellos d'ella.

Sorveu socegadamente o café, espreitando o momento opportuno, e quando a que o servira estava já algo affastada, foi depôr a chavena sobre o apparador e encontrou ensejo de achar-se por um instante, um instantinho apenas, ao pé da Amalia, e de contemplar no espelho fronteiro a figura que juntos faziam. E faziam uma figura classica, geometrica, perfeita, digna de qualquer figura de rhetorica; a figura do mais lindo par que poderia ter imaginado o bestunto de padre cura, juiz municipal ou poeta épithalamico.

— Agrada-te? — perguntou-lhe o Romulo aproveitando o momento em que o dr. Roque indagava do Joaquim as noticias do dia, (formula que invariavelmente precedia a leitura do periodico.) — Agrada-te?

Enéas olhou para o tecto com muita expressão, suspirou e disse:

— Comtanto que não tenha algum defeito occulto!

— E que defeito queres que tenha?

— Só Deus o póde saber, e visto tractar-se da minha mulher, não me pesa que assim seja.

— Bravo! — atalhou o Romulo — rindo sem fazer bulha. — Assim é que eu gosto: cásas, então, com ella?

— Se forem boas as informações, cáso.

— As informações?

— Se o seu passado... a sua familia... mas tu não pódes entender-me. Quem era o seu avô paterno?

— Um engenheiro como tu, que mais queres?

Mau! engenheiro o avô paterno — engenheiro, eu; são engenheiros de mais. Escassearão talvez elementos de desordem intellectual, essa especie de loucura selecta, que ás vezes suppre o génio e que é sempre condimento saboroso da vida.

— Com respeito a loucura selecta asseguro-te que não ha de faltar, pois a tens tu, e se a considéras como simples condimento, é provavel que a não aprecies em demasia; a questão é a seguinte: é ou não é bonita?

— E bonita; quem te diz que não? Um pouco mais baixa do que eu, tem a cutis morêna, negros os cabellos, os olhos expressivos, um formoso sorriso, um tanto circumspecta; possue os dotes da maternidade: é larga dos... e parece bem fornecida de... (aqui dois gestos meio interrompidos, porém assaz significativos); em summa, assenta-me tão bem como um annel n'um dêdo; mas isso não basta; é necessario indagar ácerca da avó paterna.

— Queres casar com a avó? Advirto-te que morreu!

— Que especie de creatura era a sua avó materna? — repetiu o Enéas sem se desconcertar.

Romúlo começava ja a suspeitar que predominava, e não pouco, o referido condimento saboroso no seu amigo engenheiro, eis senão quando se ouve outra vez a campainha.

— E elle, pensou, e com effeito, era Frederico.

Quando se soube que tinha urgente necessidade de dizer uma palavra ao senhor Poma, quer-me parecer que o dr. Roque fez esforço para se não rir, e que o Joaquim entrou a rir por detraz do periodico... mas não estou bem certo.

Pouco depois, entrava o Frederico, precedido de Romulo.

— O senhor Frederico Melli, nosso excellente amigo — disse. — uma pessima pessoa...

Frederico inclinou-se com desenvoltura e disse: «Obrigado» seus labios, porém, ostentavam um sorriso zombeteiro e seus modos a indifferença de homem já maduro, que se presta a um gracejo para alegria de meninos.

N'aquelle instante, observou-se um milagre; levantar-se o doutor Roque da cadeira, dar um passo, agarrar na mão direita do novo visitante e rir-ser-lhe nas ventas silenciosamente, sob pretesto de sorriso hospitaleiro.

Está despachado o Frederico! — pensou Joaquim.

— O que é certo é que o doutor não parecia estar disposto a deixal-o escapar: — manteve-o na sua frente alguns momentos, fitando-o, ou antes varando-o com a vista; depois, fêl-o sentar defronte da sua poltrona. Esteve por tudo o mancebo; distrahido, porém, e um tanto escarninho, ia procurando com a vista a rapariga, e assim que a encontrou fitou-a demoradamente, com um tanto ou quanto de impertinencia... desvaneceu-se-lhe, rapido, o sorriso, e foi como se lhe passasse uma nuvem por deante dos olhos. Amalia, depois de ter por muito tempo evitado aquelle olhar insistente, voltára-se para elle e por sua vez o fitava com fria e socegada ironia.

— Amalia — disse o doutor — vem sentarte ao pé de mim.

A joven, sem duvida, porém, não o ouviria, porque continuou a andar, atravessou sem parar o aposento, e desappareceu.

O egenheiro, então, que se deixara ficar a um canto, suspirou que nem um fólle e aproximou-se do fogão.

— Sente-se ahi — indicou a Enéas o doutor Roque — mas elle, por sua conta e risco, já se assentára: — aproxime-se mais do lume; hoje deve fazer um frio...

— Não tenho frio, obrigado...

— Quem ouvir estes rapazes:... «não tenho frio! Obrigado.» — O mesmo dizia eu na sua edade.

Pin-Sêl.

(Continúa)

* Por engano na revisão sahiu em o numero antecedente o capitulo IV com a designação de II.

REVISTA POLITICA

Tenho-me quedado na espectativa a vêr em que paravam as modas, para não vir refugar casos da politica portugueza, que já não offerecem novidade e que não são mais que repetições muito sovadas de scenas que vem exhibindo se quasi ha meio seculo, callejando e desilludindo o publico de modo a enchel-o de tedio pela politica e pelos politicos d'este paiz.

E porque não?

Haverá ainda quem duvide que a maioria da nação está farta de politica, cuidando só dos seus negocios do que lhe interessa á sua industria, ao seu commercio, á sua agencia, sem se importar saber quem é o deputado do seu circulo, quaes os ministros que sobem ou descem do poder; se o parlamento se abre ou se fecha, se n'elle se pronunciam discursos brilhantes ou se joga o souco; se os governos accomulam reformas para anicharem os seus apaniguados e desorganisar os serviços publicos; se, emfim, o Estado está sem vintem á força de malbaratar os rendimentos da nação.

Nada d'isto já lhe importa, farto d'esta comedia que nem sequer o diverte.

Este estado do publico tem sido classificado de indifferença pela marcha dos negocios da politica, e assim é, mas uma indifferença só para as questiunculas e trapalhadas mais ou menos sujas em que os politicos se envolvem, porque em lhe tocando pela pelle, sae logo a protestar e a reclamar pelos seus interesses, para não vêr perdido o seu trabalho ou o seu capital, ou ameaçada a independencia da patria.

D'isto bem se póde inferir que os governos á força de fazer politica de campanario, e nada de administração, divorciaram-se completamente da melhor parte do paiz, que trabalha e procura progredir para se manter livre e honradamente.

Emquanto essa parte do paiz procura pela industria e pelo commercio equilibrar o estado economico, suprindo as necessidades do consumo, os governos fazem reformas e augmentam despezas sem honra nem gloria para a nação, mas só em proveito de determinadas entidades, e pedem desenfreadamente ao credito o que lhe falta para cobrir os *deficits* sempre crescentes dos seus orçamentos.

Politica e só politica.

Pois muito bem, façam politica á sua vontade, diz-lhe a parte trabalhadora e activa da nação.

— Façam politica que nós faremos administração, para que as nossas industrias progridam, para que o nosso commercio se desenvolva. E vamos arroteando os terrenos incultos, emquanto os governos planeiam fomentos agricolas no papel sem conhecerem quatro palmos de terra do seu paiz; vamos criando industrias novas, emquanto os governos pretendem matar as existentes com monopolios e esclusivismos; vamos augmentando o nosso capital, emquanto os governos vão depreciando os titulos da divida publica.

Politica e mais politica, é quanta quizerem senhores da governação; mas vamos reservando o nosso dinheiro e escusam de nos assenar com emprestimos garantidos e convidativos, que tudo que vier d'ahi já não nos merece confiança.

E o emprestimo das classes inactivas ficou ás moscas e os titulos nas carteiras dos bancos! E os concursos para as empreitadas do Estado ficaram desertos!

Politica e mais politica, a melhor de todas as politicas!

Venha a reforma administrativa sobrecarregar o thesouro com alguns milhares de contos de despeza, o thesouro que já não póde com a que tem e traz quarenta e cinco mil contos de divida fluctuante, em letras a passearem pelas praças estrangeiras e nas mãos de muito bons agiotas.

Façam politica meus senhores que essa é que salva a nação e lhes garante os creditos.

Vão tratar da conversão da divida, de consolidar a divida fluctuante, mas não se esqueçam de dizer que a administração vae correndo tão bem, que só em 11 mezes, apenas ha uns dez mil contos de *deficit*, não figurando ainda as reformas feitas e planeadas, que augmentarão mais alguns milhares de contos nos exercicios futuros.

Não ha nada para animar os credores como uma pandega d'estas.

Verão que o negocio não falha, apesar de todas as deligencias frustradas do sr. conde de Burnay e de quantos emissarios o gouerno se tem lembrado de mandar ao extrangeiro para arranjar a conversão e dinheiro.

Façam politica, que os tempos não são para outra coisa; só lhes recommendo uma coisa srs. politicos e é que para arranjarem a vidinha, não entrem em bulhas, que se devorem uns aos outros como os grillos na mesma gaiola, porque ninguem lhes acode e apenas darão um espectaculo irrisorio como já o vem dando ha bom tempo a esta parte.

Quando os governos acabarem de fazer politica — se poderem — e entrarem em bom caminho de administração, com orçamentos serios, em que as despezas estejam dentro das receitas, com um saldo rasoavel e positivo que permitta amortisar a divida, ainda que para isso tenha que cortar por muitos abusos, por muitos desperdicios, por muitas sinecuras, reduzindo todas as despezas do Estado, seja em que fôr, ao limite das receitas, então poderão realisar emprestimos e conversões dentro e fóra do paiz, porque essas operações offerecerão garantia e seriedade.

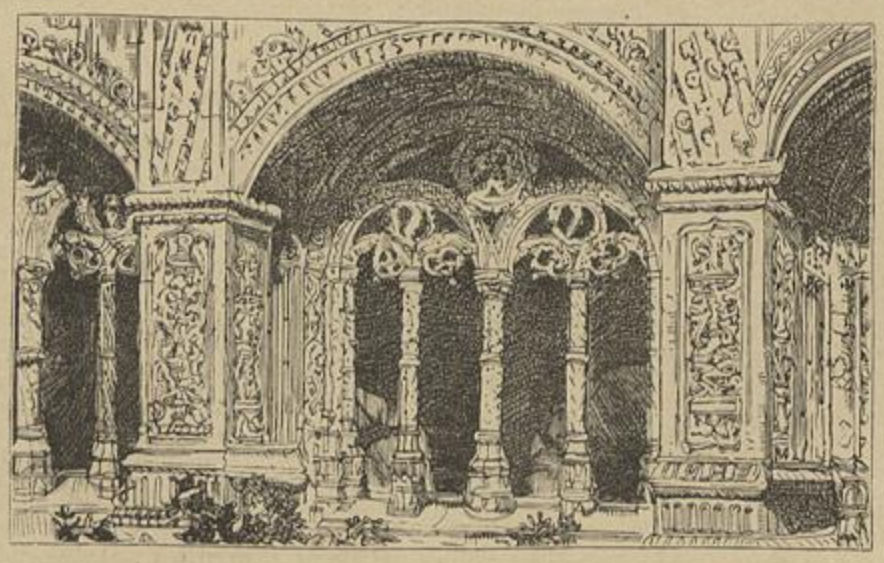
Fóra d'isto, escusa nenhum governo de se cansar, que não obterá o mais pequeno emprestimo.

Alguma vez havia de chegar.

E os politicos de barriga que vão gozando.

João Verdadeiro.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



MOSTEIRO DOS JERONYMOS — Um arco do claustro

Recebemos e agradecemos:

Arte para todos *por Manuel de Macedo, professor no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, conservador do Muzeu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa — Secção editorial da Companhia Nacional Editora, 1897.*

Com este bello trabalho do nosso illustre artista e estimadissimo collaborador, cuja competencia em assumptos de arte se comprova pelos seus numerosos estudos, na especialidade e no preclaro exercicio das suas funcções officiaes indicadas, encetou de novo brilhantemente a Companhia Nacional Editora a publicação da sua apreciada *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, cuja cessação tanto se fizera sentir no nosso acanhado meio litterario.

Publicado em outra edição que não fosse tão modesta, o presente estudo obteria maior exito, porque ninguem imagina a bella obra que se encerra n'estas 64 paginas de composição compacta e miuda.

Com um estylo proprio, tão energico como persuasivo, sem o desmando dos neologismos francezes que tanto os nossos auctores adoptam sem a menor preocupação de origem, Manuel de Macedo produziu um livro cuja linguagem baseada na terminologia artistica tem toda a propriedade, e toda a justeza do technico consagrada á forma elegante do litterato.

Artista e escriptor, estas duas faculdades ligam-se admiravelmente na *Arte para todos*. A estas duas apreciaveis qualidades ajunta-se ainda um finissimo criterio de homem illustrado, o que faz digno de se seguir em extremo a esclarecida orientação que o auctor esboça.

A bôa critica, por vezes bem aguda, que se deixa ver na apreciação dos assumptos artisticos constitue uma feição especialissima no auctor e no livrinho agora publicado N'um paiz como o nosso, em que o bom senso tanto rareia e a critica sã é um verdadeiro mytho, é para se distinguir singularmente a interessantissima *Arte para todos*.

Precedido de uma introducção erudita, divide-se o livro nos seguintes capitulos: *Construcção — Decoração — Composição decorativa — Ornato — Productos naturaes — A côr — A evolução dos estylos — O principio de unidade na arte — Apogeu e decadencia das artes decorativas nos tempos modernos.*

Como se vê a materia é variada e facilmente deduzida. De um d'estes capitulos, ao acaso, extrahimos o trecho que n'outro logar do nosso periodico se lê. E' esse excerpto muito interessante pelo ensino historico que offerece e mostra a competencia do auctor. Não é decerto aquelle em que o seu espirito critico, caustico, candente como metal em fusão, se patenteia, mas concilia conhecimentos e indicações que muito convem divulgar Eis o que fazemos, felicitando o auctor e edictor pelo trabalho publicado.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSÃO DE

ESTEVES PEREIRA

Um volume illustrado com uma linda capa impressa a duas cores, 200 réis.

A venda em todas as livrarias e na *Empreza do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1$200 réis.
Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»
Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach illustrado do «Occidente»
Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboração litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na Empreza do «Occidente» — Largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E Barata Rua Nova do Loureiro. 25 a 39